

51/02/11
Mário Camoça
p. 23

Diário Camoça 11-02-51

58H
p. 96 P15

49

A TENDÊNCIA para a retração formal e às vezes verbal, que parece perseguir a nova literatura brasileira, em contraste com as correntes anteriores, nunca se manifestou mais claramente, talvez, do que em nossa produção poética de 1950. Já o fato de se exprimir entre autores que, como os sr. Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo e Jorge de Lima, puderam participar ativamente da diástole modernista é, em si mesmo, suficientemente revelador.

Não creio, contudo, que se deva atribuir desmesurada importância a algumas dessas "conversões" recentes. Dos três poetas mencionados, em um apenas, no sr. Cassiano Ricardo, eu diria que houve transformação e renovação fundamentais, admiravelmente reveladas em seus últimos livros.

Sobre a poesia do sr. Augusto Frederico Schmidt já me ocorreu observar, aqui mesmo, que não denuncia grande mudança. O que parece novidade, por vezes, em suas obras mais recentes, seria menos uma alteração do que uma depuração de formas que já caracterizavam seus poemas iniciais. Quanto ao sr. Jorge de Lima, trata-se, sem dúvida, de artífice consumado, seguro dos próprios meios e capaz de manejá-los em muitos casos com agilidade de malabarista. No poder e gosto de servir-se discricionariamente desses recursos, acrescentaria que ele é único em sua geração, se não houvesse o sr. Guilherme de Almeida.

A grande diferença está em que

RESENHA DE POESIA

Sergio Buarque de Holanda

o poeta paulista há muito já se instalou em domicílio próprio, ao passo que o autor do *Livro de Sonetos* peregrina até hoje em busca de sua porta celestial, e para achá-la é mister que padeça as mais várias vicissitudes e tentações. "Um poeta em caminho", diria dele o sr. Otto Maria Carpeaux e a definição é justa. Já agora, as principais etapas desse caminho podem ser facilmente discernidas com a publicação recente de toda a sua obra poética, que

procurarei comentar em outra resenha.

DOS POETAS da nova geração, apenas um, ao que eu saiba, é capaz de exhibir uma virtuosidade até certo ponto comparável, e esse não publicou livro algum em 1950. Mas o caso do sr. Ledo Ivo é excepcional, por isso particularmente significativo. Não se assemelha ao de nenhum outro representante do chamado "neo-modernismo". Sua inspiração e seu verso podem sugerir, em dadas oca-

sões, os do sr. Vinicius de Moraes, em outras as do sr. Murilo Mendes, mas sua aparição e seu talento à flor da pele são os de um improvisador eficaz. Outro poeta em caminho?

Mesmo onde compõe, ou "encontra" poesias rigorosamente submissas ao padrão tradicional e canônico (foi ele, se não me engano, quem inventou o lema da "volta ao soneto") revela munificência e liberalidade, mais do que disciplina livremente aceita. É um talento borbulhante, como se dizia há mais de trinta anos e ao seu lado não de parecer muitas vezes timoratos os genuínos representantes dessa literatura do refluxo que, a partir de 1945, ou antes, vem empolgando as nossas novas gerações.

Não menos discretos parecerão, em contraste com ele, alguns poetas vindos de outra época e que se mostraram até há pouco singularmente parcimoniosos na publicação de suas obras. Um deles, o sr. Dante Milano, surpreendeu-nos há dois anos com um dos livros da mais genuína poesia que se tem feito no Brasil. E em fins do ano passado, tivemos uma revelação não menos admirável no pequeno volume que nos deu o sr. Mário Quintana: *O Aprendiz de Feiticeiro* (Edições Fronteira, Porto Alegre, 1950).

Em realidade as trinta e poucas páginas deste livrinho revelam-nos uma riqueza, uma densidade, uma originalidade na expressão do evanescente e do fugidivo que pareceria ocioso aproximar seu autor de qualquer outro poeta, ou tentar situá-lo em alguma escola ou tendência literária definida. E se não tivéssemos notícia de que em grande parte foram escritos há vinte anos e mais, não conseguiríamos sem esforço colocar na fase modernista, a que pertencem, versos como estes, que vão reproduzidos, sem premeditação escolhida, da página 19 do livro.

Varri-me como uma pista
Frescor de adro, pureza um
 (pouco triste
De página em branco... Mas
 (um bando
De moças enche o recinto de
 (pestanas
Mas entram inquietos pôneis.
Ridículos.
Ergo os braços, escorre-me
 (um riso pintado
E uma pura lágrima
Que estoura como um balão.
Não seria possível, com essa filosofia de caramujo, estar-se mais longe daquele abandono generoso

Continua no verso

que tantas vezes pareceu caracterizar a filosofia — digamos assim — e ainda mais a estética de nosso modernismo. Poesia sem estado civil definido, a do sr. Mário Quintana, tanto quanto a do sr. Dante Milano, esquivam-se a um condicionamento muito nítido de lugar ou tempo. E' talvez por coincidência, mas coincidência significativa, se nenhuma das peças do *O Aprendiz de Feiticeiro* é datada pelo autor. E, com efeito, elas parecem responder a uma solicitação que se inscreve além de qualquer cronologia.

NISTO distinguem-se particularmente da obra de seu contemporâneo de vinte anos de idade, Paulo Hecker Filho, autor de *Ah! Terra* (Edições Fronteira, Porto Alegre, 1950), que constitui, sem grande exagero, um verdadeiro diário poético. A' última página de seu outro *Diário*, este em prosa e há pouco impresso (Livraria do Globo, Porto Alegre, 1949), ele escrevera com encantadora franqueza: "Esse diário não termina nada não; apenas começa. Sinto uma necessidade ardente de falar, de me espalhar pelos outros, de demonstrar que não sou despovoadado e se publicar esse diário será por causa disso, mesmo que ele não valha grande coisa. Mas eu, eu continuo: em busca de mais mundos que, sei, existem e me esperam apenas para se revelarem".

A primeira página de *Ah! Terra* foi escrita apenas dez dias depois

(Conclui na 3.^a página)



RESENHA DA...

(Conclusão da 2.^a pág.)

dessa efusão, e há algum motivo para julgar que suas poesias, todas datadas (de 10 de abril de 49 a 24 de setembro de 50) deviam ser entendidas como uma continuação, por outros meios — meios poéticos — do *Diário* anterior. Existe nelas ao menos a mesma procura, nunca satisfeita, da expansão e do desabafo. Não hão de ser julgadas segundo uma estética rigorosa, em sua forma naturalmente impura, mas como expressão de uma alma impaciente. Por que, pergunta,

Por que procurar a expressão
(inumana
de nossa sideração ou nossa
(quedá?)

Não pode, exatamente o que
(é, ser a poesia,

Trago nada além de mim...

É claro que estamos em face de duas estéticas bem distintas, e não parece lícito censurar o sr. Hecker Filho por não ter atingido a plenitude de expressão que distingue seu contemporâneo mais velho. Por outro lado cabe perguntar se quem como este, há vinte anos alcançara tal plenitude, não ilustra melhor do que o autor de *Ah! Terra* a atitude que, ao menos em teoria, vai empolgando nossos atuais poetas de vinte anos. Muitos deles, ao oposto do sr. Hecker Filho, famintos de uma expressão inumana "de nossa sideração ou nossa queda".

Remessa de livros: Rua Had-
dock Lobo, 1625 — S. Paulo.